



www.doi.org/10.21680/2763-6488.2019v1n1ID24861

Monólito

De todas as incertezas que eu tive e tenho, a menos incerta foi a de que um dia me tornaria professora. E acredito que aqueles com quem convivi ao longo desse tempo tiveram a mesma percepção sobre isso.

Bem cedo, aos 12 anos, fui convidada por um professor a dar 'aulas' de ballet para as crianças de uma escola da zona rural em um município vizinho de onde morei. Aos 14, participei de uma banda filarmônica, onde acabei dando aulas de teoria musical para as novas crianças que chegavam ao projeto. Essas e outras pequenas experiências, de maneira direta ou indireta, me fizeram escolher a docência.

Percebi o quanto aprendi ao ajudar alguém a aprender e que as tantas histórias que ouvi, mesmo que ainda criança, me marcaram e me fizeram crescer como pessoa. Cada novo acontecimento, cada nova história, me aproximava um pouco mais da licenciatura.

A Biologia surgiu sem muitos porquês, talvez pelo fato de querer sempre respostas, ou pelo fato de prezar, na maior parte das vezes, pela racionalidade, achando que ciência e razão eram sinônimos e o que havia de certo no mundo.

Na verdade, só consegui mais perguntas e percebi que nada que faço é isento de irracionalidade e subjetividade, afinal, escolhi como profissão lidar com gente e, diante disso, como ser meramente racional? Talvez, pensando melhor hoje, a ciência veio a mim pela necessidade de encarar outras formas de ver o mundo e perceber como o mundo tem se encarado.

Os anos que passei cursando Biologia foram os anos em que a minha única certeza [a de que seria professora] tornou-se minha maior dúvida. Me sentia despreparada e descontraída. Muito do que via me encantava, mas não me completava e, ao ver muitos dos meus colegas e achar que eles estavam se encontrando no curso, me sentia cada vez mais aflita e insegura. Foram tantos os momentos achando que estava no curso errado, que fora 'tempo perdido', como se a cobrança de ter que decidir minha vida aos 15 anos estivesse voltando e que não daria tempo de optar por algum outro caminho, simplesmente pelo fato de que eu sequer me via seguindo outro caminho. Ansiava pelos estágios, porque as disciplinas da educação da grade curricular não me satisfaziam. Queria ver



**Clara Letícia
Canário de Brito**

21 anos, feminista, cursando licenciatura em Ciências Biológicas, amante da música e da leitura.

Orientadora de Estágio: Prof^ª. Dr^ª.
Aline de Moura Mattos

como me sairia, como as teorias que estudei e com as quais me identifiquei se faziam presentes na realidade dentro de sala de aula e se conseguiria lidar com isso, me trazendo o poder que sempre quis levar como futura professora: dar voz aos meus alunos. Sempre encarei a docência como algo leve, fácil. Tola, a docência nunca foi algo leve e o tão esperado "Estágio Supervisionado para Professores de Ensino Fundamental" me mostrou o quanto estive errada. Ao passo que o professor nos mostra leveza, domínio e segurança, percebi então o quão difícil é sê-lo.

Numa turma de sétimo ano, com 32 alunos, na Escola Municipal professor José do Patrocínio Pereira Pinto, Zona Norte de Natal/RN, tive então minha primeira experiência como professora dentro do meu curso. A escolha da escola não foi pensada com um propósito maior, já que não morava em Natal antes de entrar no curso e não conhecia as escolas da região.

Num primeiro momento, pensei em quais seriam os meus propósitos com aquela turma, eu queria ensiná-los, cativá-los, queria que gostassem das minhas aulas e compreendessem a importância da ciência, mas também que se entendessem como parte importante da escola e do mundo.

As sextas que se passaram ao longo dos meses me mostraram uma realidade que eu não estava acostumada e que muito me incomodava. Vi e ouvi o descaso com os alunos de perto, por parte das famílias, da escola, do sistema,

da sociedade. Percebi o quanto os alunos não tinham grandes expectativas sobre seus futuros e que eram raros os momentos que eram estimulados para que tivessem, eles pareciam presos a própria sombra.

Vi olhos que diziam: "*aos treze anos de idade eu sentia todo o peso do mundo em minhas costas*"². Eles enfrentavam realidades tão duras e ainda assim se mostravam com um potencial imenso para crescer. A partir de então decidi que tentaria estimulá-los a pensarem num futuro que lhes erguesse, muito além do que só a ciência que eu me comprometi a ministrar dentro de sala de aula.

Era uma turma barulhenta, muitos alunos só queriam uma oportunidade e já desandavam a falar. Ouvi logo nos primeiros dias pedidos dos meninos para que eu "maneirasse" nos assuntos, caso contrário, eles não iriam entender e isso me trouxe uma ambição de querer mostrá-los que eles eram sim capazes, por mais que acreditassem no contrário.

Gradativamente tentei introduzir em minhas aulas momentos mais dialogados, na tentativa de fazê-los falarem, aproveitando não só as vozes ensandecidas como também a pouca disponibilidade de recursos na escola. No início, foi perceptível o quanto se sentiam incomodados com tantas perguntas, mas ao longo das semanas eu comecei a ouvir "*eu detestava uma pergunta atrás da outra, mas agora eu estou gostando, professora. Hoje vai ser assim de novo?*". E momentos como esse me faziam crer que a mudança não



"O poder que sempre quis levar como futura professora: dar voz aos meus alunos"

estava apenas numa escola com uma estrutura perfeita, recursos mil, óbvio que isso também é de grande valia, mas que poder fomentar a curiosidade e o raciocínio das crianças seria um passo fundamental para o crescimento pessoal deles e da educação como um todo. Eles passaram a se sentir responsáveis pela aula também e encaravam muito do que fazíamos dentro de sala de aula como uma conversa casual. Pode parecer uma ideia muito romântica de uma estagiária que está começando agora e talvez até seja, mas o que acontece, de fato, é que houve dias difíceis e nesses dias eu saía da escola e só pensava: "*os meninos são todos são, os pecados são todos meus*"³, muitas vezes me responsabilizando por completo de um processo que na verdade é uma via de mão dupla. De tanto ouvir o quanto os meninos eram sempre culpados, sempre errados, eu me recusava a aceitar que realmente o erro tivesse partido de ambos os lados. A auto cobrança em dias como esses me fazia repensar se eu realmente teria aptidão para

lidar com tais situações futuramente e o quão mais eu teria de me dedicar a fazer algo melhor para aquela turma. Acabei repetindo alguns atos que disse que jamais faria. Antes como aluna, ao ver um professor dando aula a alguns poucos alunos e “ignorando” os alunos bagunçando do outro lado da sala, pensava comigo mesma: “*Eu jamais farei isso quando for professora*”. E lá estava eu, ainda como estagiária, dando aula para sete alunos, enquanto outros quinze conversavam freneticamente. E foi então que eu entendi o que Belchior quis dizer com o “*apesar de termos feito tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais*”⁴.

O meu desejo de olhar para o outro, de querer fazê-los pensar diferente, me fez desandar em alguns momentos, até perceber que não cabia a mim fazer isso. No fim das contas, quem era eu diante daqueles meninos para querer que eles pensassem como eu? Eu só estava ali há alguns meses, os vendo num único dia da semana e já julgava saber o que seria melhor para eles.

No fim das contas, o meu desejo de ensiná-los e cativá-los transformou-se. Eu percebi então que estava ali mesmo para aprender e, por sorte, poder ensinar algo aqueles meninos. Eu não tinha obrigatoriamente que mudar aquelas 32 cabeças, mas estas certamente me mudaram imensamente. E por mais que a gente tenha em mente e diga para eles que estamos ali para aprender, no fundo achamos que sabemos demais e ao olhar o que aconteceu durante todo o trajeto nesse estágio percebi que nada sabemos e quanto mais aprendemos, mais temos a aprender.

A nossa sede de querer mudar o mundo como estagiário ou

como ser humano tem seu encanto, mas pode nos colocar um peso que não precisamos carregar, ficamos como quem carrega um monólito⁵ nas costas, uma rocha maciça e cheia de achismos de que podemos tudo, de que vamos mudar o mundo. Acho que ao me livrar desse peso dentro de sala de aula, vou tentando encontrar um jeito de ser professora que ajude na mudança e que se permita mudar.

¹ Trecho do livro *Contra o Método*, de Paul Feyerabend.

² Marvin, música de General N. Johnson, Jose Fernando Gomes dos Reis, Ronald Dunbar e Sergio de Britto Alvares Affonso, interpretada por Titãs.

³ Grão, música de Gilberto Gil.

⁴ Como nossos pais, música de Belchior.

⁵ Monólito - Estrutura constituída por uma única, grande e maciça rocha.

“O meu desejo de ensiná-los e cativá-los transformou-se. Eu percebi então que estava ali mesmo para aprender e, por sorte, poder ensinar algo aqueles meninos”

